

**PREPOSIÇÃO DE
ALTERNÂNCIA NAS DUAS MODALIDADES
NOS SÉCULOS XIX E XX**

Elaine Marques Thomé Viegas (UFRJ)
elainemt@gmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar dados empíricos que demonstrem o esvaziamento semântico da preposição *de*, que seria indicado pela possibilidade de alternância, sem mudança ou com mudança sutil de sentido, com outras preposições. Para tal, utiliza-se dados dos séculos XIX e XX, nas duas modalidades, fala e escrita.

A preposição *de* é um dos itens mais produtivos da língua e, segundo Lapa (1968, p. 203) e Mira Mateus *et alii* (2003, p. 395-396), pode marcar tanto origem, quanto causalidade, referência, finalidade etc., devido à ampliação do seu domínio, ou seja, à sua larga funcionalidade:

- (01) Um ônibus que vinha **de São João de Meriti** com destino à Praça Mauá, (anu. 001 – 1.1)
- (02) Além disso, tem, tinha uns problemas também de queda. Que ela já melhorou. Queda assim **de desequilíbrio**, né. (Inq. 071/R – 1.7)
- (03) eu estou morando em São Clemente... posso falar **dali da... da São Clemente e de várias... escalas** na rua São Clemente... (Inq. 133/70 – 1.28)
- (04) quero que me digas, qual delles [presentes] estimaste mais, e porque razão; a calçadeira, a maquina **de retratos**, ou o livro? (carta 11 – avô – 1.15)

Para Avelar (2004a, 2004b), a possibilidade de a preposição *de* intermediar relações semânticas diversas deriva de seu esvaziamento semântico, que permite sua caracterização mais como um item funcional que lexical. Como evidência para essa hipótese, temos o fato de a preposição *de*, em muitos casos, pressupor uma significação que pode ser veiculada por outras preposições ou até por predicadores de outra natureza.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- (05) Na delegacia **de** (~em)³ Meriti... (anu. 001 – 1.1)
- (06) não querem parecer crianças, mas homens **de** (~com) juízo: muito bem! (carta 1 – avô – 1.15)
- (07) chegou o momento **de** (~para) resolver o problema... (anu. 7 – 1.51)
- (08) No dia 7 recebemos outra [carta] de Christiano muito minucioza falando **da** (~sobre a) exposição e que muito apreciamos. (carta 38 – avô – 1.7)
- (09) terminou né com esse desejo **do** (~pele) açúcar... (Inq. 019/AC – 1.40)
- (10) eu chamo **de** (Ø) subcultura de Botafogo (Inq. 133/70 – 1.20/21)
- (11) não deixa o menino comer nada **de** açúcar (**que tenha açúcar**) (Inq. 002/R – 1.41)

CORPORA E METODOLOGIA

Os dados do século XX dividem-se em: (a) língua escrita: 21 textos jornalísticos – 7 anúncios, 7 notícias e 7 editoriais – referentes à última fase do século (1975 a 2000), que fazem parte do *corpus* VARPORT (www.lettras.ufrj.br/varport). Em cada texto são coletadas, em média, 40 preposições, chegando-se a um total de 821 dados; (b) língua falada: 18 inquéritos do projeto NURC-RJ (www.lettras.ufrj.br/nurc-rj), 6 da década de 70, 6 de recontato e 6 de amostra complementar, todos eles distribuídos por gênero – masculino e feminino – e por faixa etária – 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante. Em média são coletadas 50 preposições de cada inquérito, chegando-se a 934 ocorrências.

Os dados do século XIX procedem de 30 das 41 cartas particulares escritas no Rio de Janeiro entre 1879 e 1892 pelo casal Cristiano Benedito Ottoni e Barbara Ottoni, endereçadas aos netos Misael e Cristiano, editadas por Lopes (org. 2005). São analisadas 15 cartas do avô e 15 da avó, chegando-se a um total de 511 ocorrências.

Para o estudo quantitativo, utiliza-se o programa VARBRUL. Os grupos de fatores comuns aos três *corpora* são: tipo de preposição, possibilidade de alternância, mudança de função sintática quando existe a possibilidade de alternância, função sintática do sintagma

³ Em todos os exemplos, *de* é a preposição usada nos textos analisados. Entre parênteses está a preposição de sentido veiculado.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

preposicional, relação de posse entre argumentos interno e externo, natureza categorial do argumento interno, presença de determinante (tanto para argumento interno quanto para o externo), expressão do predador e o tipo de item alternante com a preposição *de*.

RESULTADOS

Nos três *corpora* analisados, as preposições mais recorrentes são *de*, *em*, *com*, *para* e *por*. A maior ocorrência de *de* pode ser consequência do fato de ser, dentre as preposições, a menos marcada quanto à manifestação de conteúdo semântico.

Preposições	OCO/TOTAL PERCENTAGEM		
	Séc. XIX	Séc. XX	
		Escrita	Fala
<i>de</i>	238/511	402/821	399/934
	47%	49%	43%
<i>em</i>	76/511	146/821	239/934
	15%	18%	26%
<i>com</i>	35/511	42/821	76/934
	7%	6%	8%
<i>para</i>	38/511	63/821	55/934
	7%	8%	6%
<i>por</i>	24/511	63/821	37/934
	5%	8%	4%

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências nos séculos XIX e XX

Mesmo século, duas modalidades

No Brasil, a distância entre as modalidades falada e escrita é de tal ordem que Kato (2005) defende a existência de uma gramática da fala e de uma “gramática” da escrita e que a aquisição desta pode ter a mesma natureza da aprendizagem de uma segunda língua. A autora menciona a contraposição de Língua-I – Interna, Intensional e Individual – e Língua-E – Externa e Extensional – feita por Chomsky (1981, 1986). A Língua-I de cada indivíduo é constituída de uma *gramática nuclear* – definida pela seleção de todos os valores dos Parâmetros dependendo do “input” a que a criança é exposta – e de uma *gramática periférica* – relacionada à aprendizagem de uma segunda “gramática”, a partir do “input” escolar ou da imersão em textos escritos.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Embora na escrita do século XX *de* veicule em menor escala o sentido de outras preposições do que na fala, a diferença entre as duas modalidades não se mostra significativa (cf. Gráfico 1). Isso sugere que a alternância entre *de* e as outras preposições relaciona-se à gramática nuclear, não condicionada, portanto, a fatores extralinguísticos.

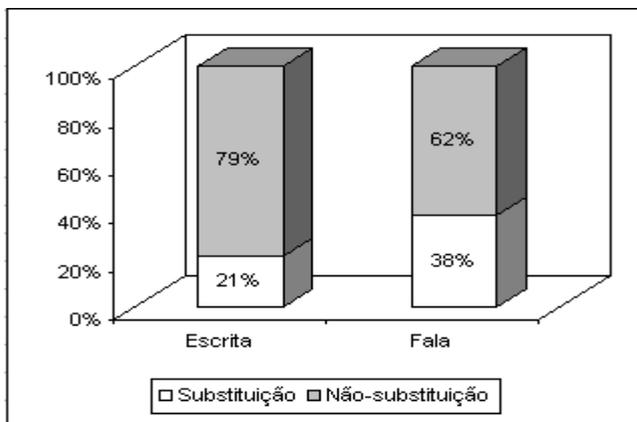


Gráfico 1 – Possibilidade de alternância de acordo com a modalidade

De veicula em maior escala o sentido de *em*. Quanto à veiculação do sentido de *com* por *de*, talvez a diferença percentual entre fala e escrita seja pelo fato daquela preposição possuir maior valor intrínseco em relação à *de*. A escrita é uma modalidade mais cuidada, em que a não simultaneidade de ações permite pensar em qual preposição empregar em determinado contexto. O mesmo não ocorre na fala, em que o pensar e o falar são quase simultâneos. Observa-se também a inserção de *de* em contextos em que a ausência de preposição – zero – é possível (cf. Tabela 2).

POSSIBILIDADE DE TROCA	OCO/TOTAL PERCENTAGEM Séc. XX	
	Escrita	Fala
<i>De/em</i>	59/135 43%	62/151 41%
<i>De/com</i>	9/135 3%	30/151 20%
<i>De/para</i>	8/135	20/151

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

	6%	13%
<i>De/por</i>	4/135	11/151
	7%	7%
<i>De/zero</i>	1/135	10/151
	1%	7%

Tabela 2 – Possibilidade de alternância no século XX

- (12) que os congressistas rejeitem a Emenda Nelson Carneiro que, aprovada, será promulgada em sessão solene **do (~no)** Congresso Nacional na próxima semana, (not. 004 – 1.13)
- (13) Descontou durante dois meses o pessoal **de (~em)** greve (Inq. 164/R – 1.16)
- (14) teve a barra de direção partida, na altura do km 6 da Via Dutra, precipitando-se num barranco **de (~com)** 15 metros de altura. (anun. 001 – 1.2)
- (15) depois eu tenho um filho **de (~com)** vinte e oito anos (Inq. 071 – 1.22)
- (16) vamos falar sobre o tema **de (Ø)** alimentação... (Inq. 019/A.C. – 1.1)
- (17) O presidente da República já deixou claro: sua interferência na questão dos preços não quer dizer que ele seja contra a liberdade de mercado. O problema é simples **de (Ø)** explicar: há empresas ou setores que arbitram seus valores sem maior critério, em completo desacordo com a realidade do País. (edit. 005 – 1.8)

A análise dos dados mostra que a maior possibilidade de alternância da preposição *de* ocorre na função sintática de adjunto locativo. No caso de complemento verbal ou nominal, a substituição de acordo com a função sintática talvez se explique pelo fato de a regência dos itens aos quais o constituinte preposicionado se liga exigir uma preposição específica. No caso de adjunto adnominal, a possibilidade de alternância próxima da dos complementos não era esperada. Talvez isso tenha ocorrido pelo fato de o adjunto adnominal ter uma relação estrutural mais estreita com o nome a que se liga, o que não ocorre com o adjunto locativo. Prova de uma ligação mais “frouxa” desse locativo com a estrutura, em relação ao adjunto adnominal, é a possibilidade de o primeiro poder ser deslocado para diversas posições dentro do mesmo período (cf. Gráfico 2).

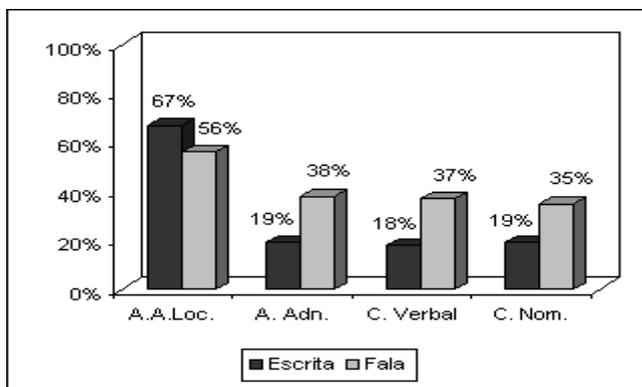


Gráfico 2 – Possibilidade de substituição de acordo com a função sintática

Complemento verbal

- (18) **depende da** classe... né? As classes mais altas [bebem]... uísque [...] e a classe mais baixa fica na cachaça mesmo... (Inq. 002/70 – 1.43)

Complemento nominal

- (19) Então, houve a **tentativa** do trabalhador **de** se defender da opressão do patrão (...)
(Inq. 164/R – 1.2)

Adjunto adnominal

- (20) a. Chegou o momento de resolver o problema **da seca** em definitivo. (edit. 002 – l. 19)
b. ***Da seca**, chegou o momento de resolver o problema em definitivo.
c. ***Chegou** o momento de resolver o problema em definitivo **da seca**.

Adjunto adverbial (locativo)

- (21) a. Ao contrário do que se propaga a viva voz, a única mudança que ocorreu **no SNI** nos últimos 24 anos foi a introdução do computador. (edit. 004 – l. 18)
b. **No SNI**, ao contrário do que se propaga a viva voz, a única mudança que ocorreu nos últimos 24 anos foi a introdução do computador.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

c. Ao contrário do que se propaga a viva voz, a única mudança que ocorreu nos últimos 24 anos, **no SNI**, foi a introdução do computador.

Século XIX: um olhar para o passado

No século XIX, a frequência da preposição *a* foi maior do que no século XX, resultado que pode dever-se à tentativa de aproximação ao português europeu. A partir da segunda metade do século XVIII, houve a implementação da língua portuguesa como língua oficial do Brasil a começar de um decreto de Marquês de Pombal, o que favoreceu a homogeneização linguística.

OCO/TOTAL (%)	PREPOSIÇÃO A		
	Séc. XIX	Séc. XX	
		Escrita	Fala
	67/511	56/821	55/934
	13%	7%	6%

Tabela 3 – Frequência da preposição *a*

A possibilidade de alternância sem mudança ou com mudança sutil de sentido ocorre com as preposições *com*, *sobre* e *em*. De veicula o sentido de *com* em relações de conteúdo, de caracterização, de companhia e, em maior frequência, de modo. O sentido original de *sobre* – em cima de, acima de – não foi o veiculado pela preposição *de*. Contudo, ambas as preposições alternam-se quando *de* introduz assunto. Devido ao vasto uso que se pode fazer de *de*, pode-se dizer que essa preposição funcionaria como um item relacional “curinga”, que não apresenta em si um conteúdo semântico estabelecido *a priori*, porém, adquirido no contexto.

POSSIBILIDADE DE TROCA	DE/COM	DE/SOBRE	DE/EM
Oco/Total	17/68	16/68	11/68
(%)	25%	23%	16%

Tabela 4 – Possibilidade de substituição no século XIX

- (22) estou acreditando que és um menino **de** (~**com**) juízo, que não fazes tristeza a tua maae, (carta 2 – avô – 1. 14)
- (23) eu acho insipido estar **de** (~**com**) canico na mao (carta 9 – avô – 1.12)
- (24) vás satisfeito e não **de** (~**com**) ma vontade (carta 3 – avô –1.9)
- (25) Apresiei a noticia **do** (~**sobre o**) passeio a cavallo, (carta 11 – avô – 1.16)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- (26) por que não acrescentaste uma noticiuzinha **das** (~sobre as) tuas lições? (carta 13 – avô – 1.16)
- (27) A tua carta tem melhor calligraphia do que a outra, o que mostra que te esforças por melhorar: (...). **Da** (~Na) redacção, também não tive o que notar: (carta 12 – avô – 1.8)
- (28) hoje mesmo estou com dor **de** (~nas) cadeiras. (carta 14 – avô – 1.7)
- (29) **De** (~Na) manhã, como de costume, os jornais enchem o tempo. (carta 14 – avô – 1.46)

Nos dados analisados não ocorre *de* como introdutor de complemento nominal passível de substituição. A preposição *de* veicula em maior escala o sentido de outras preposições quando ocorre na função sintática de complemento verbal (cf. Gráfico 3).

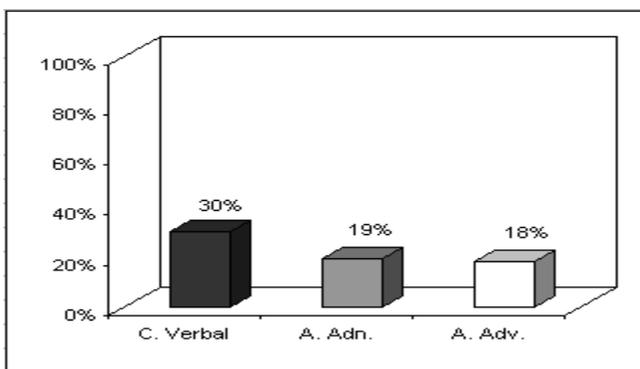


Gráfico 3 –
Possibilidade de substituição de acordo com a função sintática no século XIX

Como seria possível *de* veicular o sentido de outras preposições em uma função sintática que exige uma preposição específica?

Em um dos grupos de fatores foram analisadas as diferentes funções sintáticas introduzidas pelas preposições, dentre elas, a de complemento verbal, dividida em 1 e 2. Foi classificada como complemento verbal 1 a função de objeto indireto prototípico e como complemento verbal 2 foram classificadas as funções de complemento circunstancial, predicativo do sujeito, agente da passiva e complemento posicionado não exigido pelo verbo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Ao utilizar o programa VARBRUL, optou-se por unir os dois tipos de complementos verbais preposicionados. Talvez por isso, na função de complemento verbal, *de* tenha veiculado em maior escala o sentido de outras preposições. Observe que, em geral, a alternância é com a preposição *sobre*.

- (30) a razão é que elle escreveo, e eu tive de **fallar da** (~sobre a) carta delle. (carta 3 – avô – 1.12)
- (31) O que me **dises das** (~sobre as) pescarias parece mostrar que achas o divertimento muito agradável: (carta 9 – avô – 1.9)
- (32) **falla-me de** (~sobre) teus estudos e **dos** (~sobre os) passeios e divertimentos. (carta 12 – avô – 1.10)
- (33) **Conta-me** tudo, passeios, brinquedos, divertimentos, mas tambem alguma coisa **do** (~sobre o) estudo. (carta 13 – avô – 1.19)
- (34) é que me **fallas do** (~sobre o) filho do Doutor Tobias, **da** (~sobre a) serraria, **da** (~sobre a) raposa que não se embebeda (carta 13 – avô – 1.12/13)
- (35) A este respeito **contar-te-hei** uma anedocta **dos** (~sobre os) filhos do Conde d’Eu em São Paulo. (carta 9 – avô – 1.14)
- (36) Observo que Christiano nada me **diz de** (~sobre) relações adquiridas a bordo: (carta 14 – avô – 1.55)

O fato de não haver complemento nominal com preposição *de* substituível pode explicar-se pela regência nominal, que exige uma preposição específica. As frequências dos adjuntos adnominal e adverbial talvez se expliquem por uma significação mais “fixa” da preposição *de*, observada no século XIX. Segundo Tarallo (1994), em português, *de* na função de adjunto adverbial passou a veicular os significados das preposições latinas *de*, *ab* e *ex* – movimento “de cima para baixo”, “no sentido horizontal” e “de dentro para fora”, respectivamente, o que levou às noções de proveniência, origem, fonte e lugar.

Adjunto adverbial

- (37) e como ninguém **de la** me **diz** – Tichet fez tolices – estou acreditando que és um menino de juízo, (carta 2 – avô – 1.12)
- (38) nella (cartinha) voce dis que havia mais de um mês, que não *tinha* cartas **de ca**, o que me admira, pois seo Pai respondia logo todas as suas, (carta 37 – avô – 1.7)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- (39) Era preciso tirar do tempo dado á leitura uma parte e destinal-a á convivência de bordo, e dizer-me as simpathias e antipathias que adquirisse. *Espero de Paris* alguma cousa neste genero. (carta 14 – avô – 1.61)
- (40) Se acaso a encontrar, recommento que lhe dê um beijo e dize – da parte do meu vôvô, que o *mandou do Brasil* – Adeos: (carta 14 – avô – 1.67)

Como os dados do século XIX foram observados com o olhar do início do século XXI, não há certeza sobre a possibilidade de *de* veicular o sentido de outras preposições em determinados contextos. Talvez essa dúvida possa ser esclarecida com o aumento de dados provenientes do século XIX.

CONCLUSÕES

Quanto ao século XX, o comportamento de *de* é similar na fala e na escrita. Os fatores externos controlados nos dados de fala – gênero e faixa etária – não se mostram relevantes na escolha de *de* ou outra preposição, assim como os gêneros textuais – anúncio, notícia ou editorial – controlados na escrita. Nas duas modalidades, a preposição *de* é a mais realizada no lugar de *em*, o que torna a função sintática de adjunto locativo a que mais permite substituição por *de*, já que *em* é preposição essencialmente locativa.

No século XIX, assim como no XX, o fator externo controlado – gênero, avô ou avó – não se mostrou relevante. No século XIX, a frequência da preposição *a* é maior do que no XX e a preposição *de* é mais realizada não só no lugar de *em*, mas também nos de *com* e *sobre*. Além disso, *de* veiculou, em maior escala, o sentido de outras preposições ao introduzir complemento verbal.

Assim, *de*, tanto no século XIX quanto no século XX, mostra-se a preposição mais frequente, o que aponta para a hipótese de possuir conteúdo semântico difuso. A alternância da preposição *de* com outras preposições parece não sofrer condicionamento externo, o que mostra que a alternância entre elas não marca prestígio ou estigma. Caso contrário ocorre, por exemplo, com a variação *ter/haver* em sentido existencial: *ter* seria “permitido” na fala, porém, na escrita, emprega-se, preferencialmente, *haver*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

BIBLIOGRAFIA

AVELAR, Juanito. *Dinâmicas morfossintáticas com “ter”, “ser” e “estar” em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2004a.

-----. *Traços do item “de” em preposições simples e complexas*. Comunicação apresentada no VI Encontro do CELSUL. Florianópolis, 2004b.

-----. *Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro*. Texto de qualificação na área de Sociolinguística. Unicamp, 2005.

KATO, Mary A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: M. A. Marques, E. Koller, J. Teixeira & A. S Lemos (orgs.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005, p. 131-145.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change – volume 1: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell, 1994, p. 43-112.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

LOPES, Célia Regina dos Santos (org.). *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2005.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos – itinerário histórico da língua portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj>

<http://www.lettras.ufrj.br/varport>